

CLASSE DE PALAVRAS DOS LIVROS DIDÁTICOS: CRÍTICAS E PROPOSTAS¹

Alice Maia CASIMIRO da SILVA
(*Universidade Federal do Rio de Janeiro*)

Gabriele GONÇALVES da SILVA
(*Universidade Federal do Rio de Janeiro*)

Resumo: *Este artigo pretende versar acerca da abordagem de classes de palavras nos livros didáticos a partir de uma análise qualitativa. Para além disso, busca propor uma nova forma de trabalhá-las no ensino de Língua Portuguesa tendo como base as contribuições científicas da Linguística e a vivência dos alunos com sua língua materna.*

Palavras-chave: *Morfologia; Ensino; Classes de Palavras.*

INTRODUÇÃO

Um dos grandes problemas das gramáticas e dos livros didáticos, como bem expõe Pinilla (2007), é misturar os critérios semântico, formal e sintático ao abordarem as classes de palavras. Além disso, de acordo com Vieira (2017), o ensino de português deve abranger três eixos: gramática, texto e variação linguística. Segundo a autora, mesmo que a competência de leitura e produção de textos deva ser desenvolvida, não se pode deixar de lidar com a gramática e a variação linguística, essa última raramente trabalhada nos livros didáticos. Tendo isso em vista, é possível afirmar que há problemas consistentes nesses materiais.

Os livros didáticos do PNLD formulados para o Ensino Médio são bons exemplos de materiais que apresentam pontos positivos e negativos no que se refere à forma com que trabalham as quatro classes escolhidas para análise (substantivo, adjetivo, verbo e advérbio). Alguns exemplos de pontos negativos seriam a ausência de algum dos eixos de ensino de LP (Língua Portuguesa) e a mistura de critérios de classificação (ou o foco demasiado em apenas um ou dois) ao analisar as classes. Além disso, se mostrou relevante a comparação entre os livros didáticos e as gramáticas tradicionais como forma de evidenciar convergências e contrastes, considerando que são obras de diferentes naturezas e funções.

Assim, a partir dessa etapa mais teórica e analítica, foi proposta uma nova abordagem para as classes de palavras em sala de aula. Como forma de aplicá-la ao ensino e avaliar sua efetividade, foi feita uma atividade com alunos do IFRJ (Maracanã). O artigo é um dos frutos da pesquisa realizada pelo grupo “Morfologia e uso: por novas perspectivas para o português”, coordenado pelo Professor Vítor de Moura Vivas. O presente trabalho espera, dessa forma, atingir não apenas uma compreensão mais concreta das classes de palavras da parte dos alunos, mas também uma prática pedagógica que, conforme acentuam Basso e Pires de Oliveira (2012), estime as contribuições científicas da Linguística, valorize os saberes dos alunos enquanto falantes nativos do Português e reconheça que o ensino de língua materna se debruça, na

¹ Trabalho subvencionado pelo CNPq e pelo IFRJ, desenvolvido sob a orientação do Prof. Vítor de Moura Vivas no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro – IFRJ.

Classes de palavras nos livros didáticos: críticas e propostas

verdade, no ensino de uma língua escrita que necessita de classificações completas para melhor assimilação.

OS MATERIAIS ANALISADOS

Não é novidade que os livros didáticos são importantes ferramentas de auxílio no processo de ensino-aprendizagem. Tanto os professores quanto os alunos entendem que esses materiais podem viabilizar a compreensão de diversos tipos de conteúdo, inclusive por meio do apoio visual. Diante dessa relevância no espaço escolar, é necessário que a construção e estruturação desses materiais não sejam arbitrárias ou puramente conteudistas, mas que sejam pensadas através da realidade do aluno.

Refletir sobre essa questão é importante, pois a crença comum é de que os livros didáticos servem apenas para condensar o conteúdo de determinada série/ano em suas páginas, sendo um meio de consulta ocasional. Desse modo, a responsabilidade de tornar aquele conteúdo atrativo, de fácil compreensão e adequado à vivência do aluno seria apenas do professor. Esse tipo de concepção é um problema porque não considera que a prática pedagógica vai muito além da atitude do professor em sala de aula. Na verdade, ela está espalhada pelos corredores das escolas, pelos refeitórios, pelas manifestações culturais nas ruas e, principalmente, no momento de planejamento e preparação dos materiais que serão utilizados pelos alunos, o que inclui os livros didáticos.

Para coletar dados e chegar a um diagnóstico a respeito dos pontos positivos e negativos desses materiais, foram analisados os seguintes livros didáticos do PNLD², que foram elaborados para o 2º ano do ensino médio: *Se liga na língua*: literatura, produção de texto, linguagem, de Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi, *Novas palavras*, de Emilia Amaral et al, *Ser Protagonista: Língua portuguesa*, de Ricardo Gonçalves Barreto et al e *Português: contexto, interlocução e sentido*, de Maria Luiza M. Abaurre, Maria Bernadete M. Abaurre e Marcela Pontara. A partir disso, foi possível desenvolver uma nova proposta pedagógica capaz de superar os problemas desses materiais como forma de otimizar a abordagem das classes de palavras em sala de aula.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada consiste numa análise crítica e exaustiva de quatro livros didáticos a fim de considerar, a priori, a descrição gramatical das quatro principais classes (substantivo, adjetivo, verbo e advérbio) envolvidas em processos de formação de palavras, como aponta Basílio (2011). Os livros analisados são voltados para o 2º ano do Ensino Médio e foram avaliados e disponibilizados pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD).

Antes mesmo do início da análise, fez-se necessário sistematizar as definições e os pressupostos teóricos que serviram de guia para orientar o olhar sobre os materiais analisados e, assim, possibilitar a reflexão sobre o conteúdo dos livros. Diante disso, buscou-se observar (a) até que ponto as descrições registradas convergem com as que constam nas GTs de Rocha Lima (1964) e Cunha e Cintra (1985) ou divergem delas, tendo em vista as diferentes propostas que os

² Sigla de Programa Nacional do Livro e do Material Didático, do Ministério da Educação, que tem como função avaliar e disponibilizar materiais pedagógicos para as escolas públicas e instituições educacionais sem fins lucrativos conveniadas com o Poder Público.

Alice Maia CASIMIRO da SILVA & Gabriele GONÇALVES da SILVA

livros didáticos e gramáticas tradicionais pressupõem; (b) se os autores relevam o uso dos critérios semântico, formal e funcional de classificação (PINILLA, 2007) e (c) se articulam os 3 eixos do ensino de Português – texto, gramática e variação – (VIEIRA, 2017) nos capítulos que abordam essas classes.

Com essa fase finalizada, o processo de elaboração e planejamento de atividade foi iniciado. O principal propósito estabelecido era que a atividade relevasse todas as considerações e conclusões extraídas da análise e pudesse ser aplicada aos alunos para obter uma resposta concreta dos discentes, que aliasse teoria e prática. A atividade foi aplicada com sucesso, e os resultados, registrados.

GRAMÁTICA, TEXTO E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: OS TRÊS EIXOS DO ENSINO DE LP

Em seu livro *Gramática, variação e ensino: diagnose & práticas pedagógicas*, Vieira (2017) separa um capítulo para propor uma abordagem pedagógica para o ensino de Língua Portuguesa (como L1) em sala de aula. Tal proposta é apresentada como resultado de uma diagnose de materiais didáticos elaborados pela Secretaria Municipal do Rio de Janeiro, denominados *Cadernos Pedagógicos*, para turmas de 6º e 9º anos. Através dessa avaliação, foi notado, entre outras coisas, um desequilíbrio entre as competências trabalhadas no que diz respeito aos três eixos de ensino propostos. Decerto, ficou evidente que, das questões presentes nesses *Cadernos Pedagógicos*, a grande maioria era somente de compreensão textual. Apenas uma pequena parte delas envolviam gramática e, no que diz respeito à variação linguística, quase não havia questões sobre isso (variando de 0,4% a 1,1% do total de questões). Com isso em mente, a proposta dos três eixos para o ensino gramática é trazida como forma de

Evitar tanto o tratamento meramente instrumental do componente linguístico, aquele que serviria apenas para instaurar práticas linguísticas de leitura e produção textual, quanto a abordagem da metalínguagem como um fim em si mesmo ou, ainda, da norma como um padrão homogêneo e artificial, sem reflexão linguística. (VIEIRA, 2017, p. 64-65).

Como expõe a autora, o desenvolvimento da competência de leitura e produção de textos é o objetivo maior do ensino de Língua Portuguesa. Dessa forma, “a unidade textual (...) deve ser o ponto de partida e de chegada das aulas de Português” (VIEIRA; BRANDÃO, 2007, p. 9-10 apud VIEIRA, 2017, p. 69), ou seja, o planejamento das aulas deve considerar os diferentes tipos, gêneros, modalidades, registros e variedades dos textos para, assim, estimular, nos alunos, a capacidade não apenas de fazer a leitura de uma grande variedade de textos e compreendê-los, mas também de produzi-los por si mesmos. Não obstante, é papel exclusivo das aulas de Português promover a reflexão gramatical ao se trabalharem os conhecimentos linguísticos, pois o ensino de PB como L1 deve não só levar o aluno a se apropriar dos recursos linguísticos como forma de produzir sentido, mas também considerar o funcionamento dos recursos linguísticos em diferentes níveis, como explica a autora.

Esses configuram os eixos de competência textual e gramática. Com esses dois recursos, é possível que o professor promova, junto a seus alunos, a reflexão linguística. Mesmo sendo trabalhados esses dois eixos, o ensino de LP ainda carece de um outro tipo de reflexão, que diz respeito à língua em seus diversos contextos de uso. Dessa forma, é fundamental contemplar o terceiro eixo: variação linguística. É através dele que o aluno tem, nas palavras de Vieira (2017, p. 70-71), “acesso a variedades de prestígio na sociedade, segundo os contínuos de variação (...), que configuram uma pluralidade de normas de uso, sem desmerecer outras variedades apresentadas pelo aluno e/ou existentes nos diversos materiais usados”. Assim, os estudantes podem aprender

Classes de palavras nos livros didáticos: críticas e propostas

as variedades de prestígio, às quais têm acesso através da escolarização, além de respeitar e pensar criticamente sobre as demais variedades e os preconceitos que as cercam. Eles adquirem, por tanto, a habilidade de transitar entre as diferentes normas do Português conforme as exigências contextuais e suas próprias necessidades.

Conclui-se, então, que o uso dos três eixos de ensino de Língua Portuguesa contribui para um ensino mais crítico e científico, no qual o aluno aprende a importância de se apropriar dos conhecimentos adquiridos para usar fora de sala de aula. Isso posto, é através dessa abordagem mais reflexiva da gramática que se pode perceber que os três eixos propostos estão conectados entre si, com o da gramática perpassando o da competência textual e o da variação linguística. Isso significa que, como aponta Vieira (2017, p. 74), “o trabalho com as estruturas gramaticais (...) decorre naturalmente do reconhecimento das construções linguísticas como matéria produtora de sentido, elementos que permitem significar e fazem a tessitura textual acontecer”.

A autora explica que esse trabalho, feito através de atividades linguísticas, epilingüísticas e metalingüísticas, quando há conexão entre os três eixos, permite a verdadeira compreensão do conteúdo e evita o uso de uma (meta)linguagem descontextualizada, assim como do componente linguístico como fim em si mesmo. A autora apresenta o fato de que, ao trabalhar a variação linguística (eixo 3), é necessário explorar tanto os conteúdos gramaticais reflexivamente (eixo 1) quanto as atividades de leitura e produção de texto nas quais a gramática é quem produz sentido (eixo 2).

Desse modo, para exemplificar, ela afirma que, para tratar da diversidade de gêneros textuais, é necessário refletir sobre os diferentes usos do acusativo de 3^a pessoa (“encontrei ele, eu o encontrei, encontrei o rapaz”). E, além disso, para discutir sobre essas formas alternantes de acusativo, mostra-se necessário trabalhar questões de sintaxe (diferentes posições que essas formas podem ocupar e sua transitividade ao nível da sentença) e semântica (as múltiplas formas de referênciação possíveis através dessa alternância). Resumidamente, a proposta dos três eixos de ensino de Língua Portuguesa de Vieira (2017) traz uma nova forma de lidar com as aulas de língua materna, que, diferente do que foi visto nos *Cadernos Pedagógicos*, integra mais igualmente os conhecimentos gramaticais, textuais e de variação e contribui para uma educação mais eficiente e frutífera.

OS TRÊS CRITÉRIOS PARA DEFINIÇÃO DAS CLASSES DE PALAVRAS

O livro *Ensino de gramática: descrição e uso*, organizado por Vieira e Brandão (2007), conta com diversos capítulos de diferentes autores e autoras. Dentre estes, encontra-se o capítulo “Classes de palavras”, de Maria de Aparecida Pinilla, que, assim como outros autores, organiza suas considerações em três momentos: (a) apresentar a visão tradicional, (b) trazer as contribuições das pesquisas linguísticas e (c) relacionar ou aplicar isso ao ensino. Dessa maneira, a autora acentua a grande carga do ensino de classes de palavras na educação básica e apresenta dados coletados em pesquisa que atestam a preferência docente em tratar desse tema. Apesar da preferência pelas classes dentre as áreas do programa de Língua Portuguesa, Pinilla (2007) ressalta que esse conteúdo muitas vezes se limita ao ensino de nomenclaturas e não é tratado criteriosamente, ou seja, há uma mistura de critérios e/ou a ausência de algum deles. Essa é, portanto, a discussão trazida pela autora e desenvolvida ao longo do capítulo.

Ao apresentar a proposta tradicional de classificação, a autora aponta que, na maioria das vezes, o critério semântico é privilegiado e, ocasionalmente, aliado ao morfológico, o que gera uma mistura de critérios e confusão na classificação. Assim, mesmo diante da necessidade do uso

Cadernos do NEMP, n. 11, v. 1, 2020, p. 57-83.

dos três critérios (semântico, morfológico e funcional) para definição das classes, muitas gramáticas e livros didáticos ainda seguem a tradição gramatical e favorecem o critério semântico nas suas classificações. Para atestar sua afirmação, Pinilla estrutura um quadro que resume as definições desses materiais e apresenta os critérios que aparecem nelas. A partir disso, observa-se que, das dez classes de palavras, nove carregam em suas definições as noções de sentido, nem sempre bem delimitadas em relação aos outros critérios. O substantivo e o numeral, por exemplo, são respectivamente definidos como “é o nome de todos os seres que existem ou que imaginamos existir” (PINILLA, 2007, p. 172) e “é a palavra que dá ideia de número” (PINILLA, 2007, p. 172), utilizando apenas o critério semântico. Tendo isso em vista, entende-se que, como aponta Câmara Jr, o critério semântico trata da significação “do ponto de vista do universo biosocial que se incorpora na língua” (CÂMARA JR, 1970, p. 76) e é essencial para classificação dos vocábulos formais de uma língua.

Além do critério semântico, a autora ressalta também a importância do critério formal (ou morfológico) para uma definição mais apropriada das classes de palavras. Para tanto, Pinilla (2007) se vale das contribuições de Câmara Jr (1970), que ressalta que um vocábulo é uma unidade de forma e sentido, ou seja, a relação entre o critério semântico e o morfológico se dá de maneira muito estreita, em que o primeiro não é independente do segundo. Com base nisso, o autor propõe um critério compósito, ou seja, um critério morfosemântico para divisão das classes, que é a razão de sua proposta de separação das classes em nomes, verbos e pronomes. Não é essa proposta que se pretende discutir neste artigo; no entanto, ela se mostra extremamente válida na medida em que demonstra a relevância do critério morfológico, uma vez que, em face da preferência dos gramáticos pelo critério semântico, Câmara Jr (1970) equipara os dois, acentuando sua codependência. Desse modo, além de exprimir processos (critério semântico), os verbos também podem se flexionar em modo, tempo, pessoa e número (critério morfológico), por exemplo. Partindo dessa ótica de análise, é possível compreender, portanto, a importância do critério morfológico de diferenciação, dado que tem como base as propriedades das formas gramaticais.

O terceiro e não menos importante critério de classificação dos vocábulos trata das palavras nos termos de suas propriedades funcionais, ou seja, as relações sintáticas das quais fazem parte. Observa-se então que os critérios descritos acima, ainda que necessários, não conseguem especificar o comportamento das palavras na construção dos enunciados e o modo como funcionam nas sentenças. Por isso, substantivos não são apenas palavras que designam seres e se caracterizam pela flexão de gênero e número, mas também funcionam como núcleo do sintagma nominal, ou seja, ocorrem como núcleo do sujeito, objeto direto, objeto indireto, além da possibilidade de serem acompanhados por determinantes e modificadores, por exemplo. Assim como o critério compósito, Câmara Jr (1970) propôs também o uso do critério funcional para definição das classes, utilizando os três critérios para classificar os vocábulos formais. Por esse motivo, Pinilla apresenta a proposta de Mattoso, uma vez que foi o primeiro a utilizar critérios científicos para olhar as classes de palavras.

Em consequência de suas observações e estudos, Pinilla (2007) propõe um quadro em que define todas as classes, exceto a interjeição, considerada “vocábulo-frase” (CUNHA E CINTRA, 1985), considerando os três critérios de análise. Dessa maneira, todas as classes foram definidas semântica, morfológica e sintaticamente, conjugando forma, sentido e função. Mediante a herança filosófica da tradição gramatical, a mistura e a falta desses critérios é o que, segundo a autora, ocorre com os livros didáticos e gramáticas. Apenas o critério semântico não pode diferenciar as classes entre si.

Ao articular toda essa análise ao ensino, percebe-se a necessidade de elucidação deste tema, pois a compreensão efetiva das classes de palavras implica, mais profundamente, as habilidades de leitura e produção textual. Por isso, o objetivo maior é que os alunos sejam capazes de compreender as possibilidades combinatórias para construção de textos orais e

Classes de palavras nos livros didáticos: críticas e propostas

escritos, considerando que “um ensino mais produtivo da língua está vinculado ao conhecimento de como cada classe atua na organização e na produção de textos” (PINILLA, 2007, p. 181). Dessa maneira, entende-se que, como apontam os PCNs de Língua Portuguesa para o Ensino Médio, “o ensino de gramática não deve ser visto como um fim em si mesmo, mas como um mecanismo para a mobilização de recursos úteis à implementação de outras competências, como a interativa e a textual” (BRASIL, 2000, p. 78). Isso indica que os conteúdos gramaticais devem ser abordados de maneira reflexiva, visando à produção de sentido.

SUBSTANTIVO, ADJETIVO, VERBO E ADVÉRBIO NAS GRAMÁTICAS TRADICIONAIS

As definições das classes de palavras presentes nos compêndios gramaticais são, em sua maioria, semelhantes, à medida em que todas seguem a tradição gramatical e acabam privilegiando o critério semântico de definição em detrimento dos outros. Celso Cunha e Lindley Cintra (1985) e Rocha Lima (1964), como grandes autores de obras consagradas, apresentam definições das classes de palavras que servem como base para muitos materiais, didáticos ou não. Observa-se, portanto, no quadro abaixo, a maneira como o substantivo, o adjetivo, o verbo e o advérbio foram descritos pelos autores.

| Classes | Rocha Lima (1964) | Cunha e Cintra (1985) |
|-------------|---|---|
| Substantivo | Serve para nomear os seres em geral, e as qualidades, ações, ou estados, considerados em si mesmos, independentemente dos seres com que se relacionam. Pode ser concreto ou abstrato, comum ou próprio; possui gênero gramatical; pode variar em gênero, número e grau. | Palavra com que designamos ou nomeamos os seres em geral. Pode ser comum ou próprio, concreto ou abstrato; serve privativamente de núcleo do sujeito, do objeto direto, do objeto indireto e do agente da passiva e pode variar em número, gênero e grau. |
| Adjetivo | Palavra que restringe a significação ampla e geral do substantivo. Pode ser composto e variar em gênero, número e grau. | É, essencialmente, um modificador do substantivo. Serve para caracterizar os seres, os objetos ou as ações nomeadas pelo substantivo e pode flexionar-se em número, gênero e grau. |
| Verbo | O verbo expressa um fato, um acontecimento: o que se passa com os seres, ou em torno dos seres. É a parte da oração mais rica em variações de forma ou acidentes gramaticais. Estes acidentes gramaticais fazem que ele mude de forma para exprimir cinco ideias: modo, tempo, número, pessoa e voz. | É uma palavra de forma variável que exprime o que se passa, isto é, um acontecimento representado no tempo. Na oração, exerce a função obrigatória de predicado; apresenta variações de número, pessoa, modo, tempo, aspecto e voz. |
| Advérbio | São palavras modificadoras do verbo. Servem para expressar as várias circunstâncias que cercam a significação verbal. Alguns advérbios, chamados de intensidade, podem também prender-se a adjetivos, ou a outros advérbios, para indicar-lhes o grau. Alguns, inclusive, não acompanham a verbos, mas somente a adjetivos e advérbios. É invariável. | É, fundamentalmente, um modificador do verbo. Pode reforçar o sentido de um adjetivo, de um advérbio e pode modificar toda a oração. Recebe a denominação da circunstância ou de outra ideia acessória que expressam. |

Quadro 1: definições das GTs

Alice Maia CASIMIRO da SILVA & Gabriele GONÇALVES da SILVA

Analizando o quadro de maneira comparativa, é possível perceber que as definições de Rocha Lima (1964) representam fortemente o que se tem como tradição filosófica gramatical de classificação das palavras, uma vez que o critério semântico, aliado ao morfológico, é praticamente o único utilizado para definição dessas quatro classes. Até mesmo o adjetivo, que possui na própria composição do seus nomes a partícula *ad* (“junto de”), remetendo à sua característica funcional, é tratado como uma palavra que “restringe a significação ampla do substantivo”, ou seja, ainda que seja possível entender sua relação com o substantivo, essa relação é explicada semanticamente. No caso do advérbio, nota-se que Rocha Lima usou o termo “modificador” e procurou expor mais possibilidades funcionais, como “acompanhar a verbos, adjetivos e advérbios”. Assim, não se pode dizer que o gramático ignorou completamente o critério sintático de análise em todas essas classes, mas é nítida a preferência pelos semântico e morfológico. Por outro lado, Cunha e Cintra (1985) desenvolvem posteriormente uma proposta de categorização que parece mais ampla, uma vez que tecem considerações formais, funcionais e semânticas sobre as quatro classes aqui tratadas.

SUBSTANTIVO, ADJETIVO, VERBO E ADVÉRBIO NOS LIVROS DIDÁTICOS

Como parte da proposta da pesquisa sobre morfologia e ensino, mais especificamente sobre como os livros didáticos apresentam as classes de palavra aos alunos, fez-se necessário coletar dados desses materiais. Portanto, para este trabalho em específico, foram analisados os capítulos sobre as quatro classes escolhidas em quatro livros produzidos para o 2º ano do ensino médio, tendo como base as contribuições de Pinilla (2007) e Vieira (2017).

SE LIGA NA LÍNGUA: LITERATURA, PRODUÇÃO DE TEXTO E LINGUAGEM

No livro *Se liga na língua: literatura, produção de texto e linguagem*, mais especificamente na unidade 10 (“substantivo, seus determinantes e seus substitutos”), o substantivo e o adjetivo são tratados no mesmo capítulo, que divide seu percurso em nove partes: “substantivo e adjetivo na perspectiva semântica”, “características morfológicas e sintáticas do substantivo e do adjetivo”, “classificação dos substantivos e dos adjetivos”, “locução adjetiva”, “derivação imprópria”, “flexões de gênero e número de substantivos e adjetivos”, “graus dos substantivos e dos adjetivos”, “reflexões sobre concordância nominal” e “correspondentes eruditos das locuções adjetivas”. Dessa forma, o capítulo 13 do livro, diferentemente das gramáticas tradicionais, que priorizam o critério semântico, aborda os três critérios, incluindo também o morfológico e o sintático.

No que diz respeito ao critério semântico para a definição dos substantivos e adjetivos, o livro aponta que “substantivo é a palavra que nomeia seres, objetos, lugares, instituições, ações, sentimentos, estados e conceitos” (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2016, p. 228) e “adjetivo é a palavra que caracteriza o substantivo, indicando qualidade, aparência, matéria, finalidade e procedência, entre outros valores” (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2016, p. 228). Além disso, são abordadas as classificações do substantivo enquanto comuns ou próprios e concretos ou abstratos. Por fim, os autores preocupam-se em afirmar que somente esse critério não dá conta da análise dessas classes de palavras e, por isso, introduz os outros dois critérios logo em seguida. Isso denota a preocupação dos autores em incorporar as contribuições linguísticas em sua obra, produzindo um material mais atualizado e congruente com a ciência.

Quanto ao critério morfológico ou formal, são abordadas características morfológicas do substantivo e do adjetivo, como a sua subdivisão em simples e compostos e primitivos e

Classes de palavras nos livros didáticos: críticas e propostas

derivados. Além disso, o capítulo traz as questões de flexão de gênero e número, a variação de grau e derivação imprópria. Em relação à classificação dessas classes, no capítulo, indica-se que o primeiro “é variável em gênero e número” (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2016, p. 228) e se afirma o mesmo para o segundo. É apontada a regra geral para a formação de plural dessas classes, que se dá pelo acréscimo de –s, assim como suas possíveis modificações.

No capítulo, também se utiliza o critério sintático para discorrer sobre o substantivo e o adjetivo. Em relação ao primeiro, evidencia-se que “...funciona como termo determinado, ao qual se associam os termos determinantes” (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2016, p. 228). No que tange o adjetivo, é dito que “...funciona como determinante do substantivo” (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2016, p. 228). Além dessas classificações, o décimo terceiro capítulo do livro “Se liga na língua” aborda a questão da concordância nominal, apresentando a relação entre essas duas classes e a necessidade de abordá-las juntas.

Na unidade 11, o livro trata do verbo e do advérbio. Enquanto os capítulos 17 e 18 são dedicados à primeira dessas duas classes, o 19 aborda a segunda. O capítulo 17, denominado “Verbo I”, apresenta as seguintes questões: “verbo sob a perspectiva semântica”, “funções do verbo no sintagma verbal”, “flexões verbais”, “paradigmas de conjugação de verbos regulares” e “emprestímos linguísticos na formação de novos verbos”. Quanto ao 18, chamado de “Verbo II”, os pontos tratados são: “locuções verbais, verbos auxiliares e formas nominais”, “usos de modos e tempos verbais” e “correlação verbal”. Com relação especificamente ao capítulo 19, “Advérbio”, existem as seguintes seções: “o advérbio como modificador de termos e enunciados”, “classificação dos advérbios”, “variação do advérbio” e “o advérbio como modalizador do discurso. Isso posto, podemos notar que tanto o verbo quanto o advérbio, assim como o substantivo e o adjetivo, são abordados levando-se em conta os três critérios.

No capítulo 17, no que se refere ao critério semântico, os autores afirmam que “verbo é a classe de palavras que expressa ação, estado ou fenômeno” (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2016, p. 292). A atenção ao sentido também se faz presente nesse mesmo capítulo, na parte de aspecto verbal. O livro apresenta informações a respeito de o verbo auxiliar exprimir “a maneira como o processo verbal se desenrola no tempo” (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2016, p. 308). Assim, são explicitados os aspectos “prolongamento da ação”, “início da ação”, iminência da ação”, “repetição da ação” e “término da ação”. Para finalizar o critério semântico, os verbos de elocução são citados. Tais verbos são responsáveis por introduzir o discurso, englobando os verbos de “dizer” e os de “sentir”. Em relação a isso, pode-se notar uma certa contradição em relação à definição de verbo utilizada e o exemplo de “sentir” como verbo de elocução, pois não se trata nem de uma ação, estado ou fenômeno, mas sim uma sensação ou sentimento, porém não se restringindo a eles. Mesmo que a redução do verbo a apenas três significados possa ser uma estratégia de economia e objetividade, dado o contexto de uso do material em que se insere, isso entra em contradição com um exemplo usado no próprio livro.

Ainda na parte dos verbos, mas, quanto ao critério morfológico, apresentam-se a flexão verbal, os processos de formação de palavras, modos e tempos verbais. No livro, classifica-se essa classe como algo que situa os processos de ação, estado ou fenômeno em relação ao momento da enunciação (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2016), apesar de que o tempo gramatical não se limita a apenas esse momento, abrangendo também o momento do evento, por exemplo. Dessa forma, expõem-se os paradigmas de conjugação de verbos regulares, mostrando a sua classificação quanto à flexão. São discutidos verbos regulares e irregulares, os modos indicativo e subjuntivo e os tempos de cada um, além do imperativo. Também são discutidas as formas nominais do verbo (infinitivo, gerúndio e particípio) e vozes verbais. Além disso, é mencionado o

processo de formação de palavras através da criação de novos verbos por empréstimo linguístico. Mesmo essa sendo uma forma comum e bem atual de criar novos verbos, é curiosa a preferência dos autores em citar apenas essa, ignorando as demais.

Para o critério sintático na abordagem do verbo, o livro abrange uma reflexão sobre as suas funções no sintagma verbal e sobre as locuções verbais e os verbos auxiliares. A explicação sintática do verbo é que “desempenha papel fundamental no predicado, podendo atuar como núcleo deste” (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2016, p. 292). No que diz respeito às funções do verbo dentro do sintagma verbal, os autores explicam que existem dois casos: 1) “o verbo indica uma ação ou atividade e exerce função de núcleo do predicado”; 2) “O verbo associa um determinante ao sujeito. O núcleo do predicado é o determinante” (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2016, p. 291-292). Trata-se de uma definição baseada na tradição gramatical, pois, para a linguística, o predicativo passa a ser o predicador quando o verbo é de ligação, projetando um referente para atribuir característica. Percebe-se, então, a inclusão dos verbos de ligação (caso 2) no capítulo sobre os verbos. Também é citado que o verbo pode expressar fenômenos da natureza. Quanto às locuções verbais, no capítulo 18, abordam-se as funções dos verbos auxiliares, que são a formação da voz passiva analítica, indicação de aspecto verbal e indicadores modais.

O capítulo 19, que trata do advérbio, apresenta o seguinte percurso: “o advérbio como modificador de termos e enunciados”, “classificação dos advérbios”, “variação dos advérbios” e “o advérbio como modalizador do discurso”. Segundo os autores,

O advérbio é um modificador do verbo (ad = “junto de”), mas também pode intensificar ou amenizar o sentido de outras classes de palavras, especialmente os adjetivos e outros advérbios. Além disso, pode se referir a todo o conteúdo de um enunciado nos casos em que expressa o ponto de vista do enunciador. (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2016, p. 325)

Isso evidencia que, levando-se em conta somente essa definição do livro, os critérios semântico e sintático são abordados, e o formal não aparece. O que se nota é, na verdade, uma mistura de critérios.

O critério semântico é utilizado na seção “o advérbio e seus sentidos”, que explica algumas das distintas circunstâncias que essa classe pode denotar. O capítulo apresenta as de “afirmação”, “dúvida”, “intensidade”, “lugar”, “modo”, “negação” e “tempo”. Não se avança muito para além disso na semântica do advérbio.

Quanto ao critério morfológico, destaca-se a necessidade primordial de elucidar a invariabilidade dessa classe. Justamente em uma seção denominada “variação do advérbio”, é que isso é demonstrado. É dito que “o advérbio não varia em gênero nem em número, isto é, sua forma permanece a mesma, independentemente da palavra com a qual se relaciona” (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2016, p. 328). Ademais, é dito que o advérbio pode sofrer variação de grau, e a morfologia se explicita no grau superlativo absoluto sintético.

Para a questão sintática, temos a relação do advérbio como modificador de outras classes, como o adjetivo, ou até mesmo todo o enunciado ou outro advérbio. Ainda, são apresentadas as locuções adverbiais, e são expostos os graus comparativo (de igualdade, inferioridade e superioridade) e o superlativo absoluto analítico, que ocorrem a partir de estratégias sintáticas.

Por fim, vale salientar que a pragmática se mostra presente no capítulo ao ser apresentada a função de modalizador do discurso do advérbio. Os autores explicam que os advérbios e as locuções verbais representam a maioria dos modalizadores do discurso, que servem para dar pistas sobre o ponto de vista, os valores e as emoções de quem os usa. Para exemplificar isso, eles

Classes de palavras nos livros didáticos: críticas e propostas

trazem uma carta de George Orwell para sua esposa, no contexto da Guerra Civil Espanhola. Na carta, ele se utilizava dos advérbios como forma de modalizar seu discurso (“naturalmente”, “muito ruim”). No capítulo, também pode ser vista a menção ao fato de que alguns advérbios se referem a todo o enunciado e, por modalizarem o discurso, funcionam como operadores argumentativos. Além disso, os autores mencionam que esses advérbios são responsáveis por uma modalização afetiva (expressão das emoções) e que também podem indicar os limites em que o conteúdo deve ser aceito. Essa seção demarca o fim da parte teórica do breve capítulo sobre advérbio.

O livro *Se liga na língua: literatura, produção de texto e linguagem* é um exemplo de material didático de Língua Portuguesa que se destaca por sua abordagem da gramática, apesar de ser passível de algumas críticas. Por exemplo, mesmo se utilizando dos três critérios de Pinilla (2007) para as quatro classes, o critério semântico deixa a desejar no que se refere ao advérbio. Nesse caso, o capítulo que aborda essa classe não a define semanticamente, apenas abordando suas diferentes circunstâncias. Para mais, os exercícios do livro referentes às classes escolhidas para este trabalho, que se encontram ao final dos capítulos, trazem apenas os eixos de texto e gramática, jamais o da variação linguística. É importante mencionar que esse eixo é trabalhado, mesmo que não nos exercícios, como quando aborda “reflexões sobre concordância nominal” e os “correspondentes eruditos das locuções adjetivas”, por exemplo. Apesar disso, assim como nos *Cadernos Pedadógicos*, da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, o eixo da variação é bem minoritário. Finalmente, outra observação a se fazer quanto ao livro de Ormundo e Siniscalchi reflete o fato de que, desconsiderando o uso dos três critérios e dos três eixos, o único momento em que ele apenas se utiliza da linguística em um dos capítulos sobre o verbo, quando menciona o sintagma verbal. Dessa forma, percebe-se uma maior influência da tradução gramatical na confecção do livro em detrimento das novas contribuições da linguística.

NOVAS PALAVRAS

Outro livro analisado foi o *Novas palavras*, de Amaral *et al*, que, diferentemente do anterior, não apresenta capítulos separados para abordar as classes substantivo, adjetivo e advérbio. Essa é uma característica que chama bastante atenção na parte de gramática do livro. Isso posto, faz-se necessário esclarecer que a quantidade de dados para análise desse material foi se mostrou menos abundante para que se pudesse fazer uma diagnose tão completa quanto a anterior. Apesar disso, esse fator em si já demonstra ser uma característica marcante para ser mencionada e analisada.

Em um capítulo intitulado “Termos associados a nomes • Vocativo”, o substantivo (assim como o adjetivo e o advérbio) é mencionado brevemente em um quadro em que se lê “fique atento”. Abaixo disso, é explicado que se entendem por nomes, utilizados para marcar uma distinção ao verbo, os vocábulos que pertencem às classes substantivo, adjetivo e advérbio. Além disso, no que diz respeito ao substantivo, ele é mencionado, ainda nesse capítulo, como o termo ao qual o adjunto adnominal se associa, classe que o complemento nominal pode complementar (quando o substantivo é abstrato), possível núcleo do predicativo do sujeito, do complemento nominal, do aposto e do vocativo. Evidencia-se que, nesse capítulo, os autores utilizaram apenas o critério sintático para falar sobre o substantivo, não havendo sequer uma definição dele. O único outro momento em que o sujeito aparece no livro é no capítulo 7, que fala sobre o verbo, ao abordar o fato de que o substantivo pode ser o núcleo do agente da passiva.

Há uma breve menção ao adjetivo no capítulo “palavras invariáveis”, porém ela se limita a uma explicação sobre como determinar se um termo pertence a essa classe ou à dos advérbios (ex.: na frase “o goleiro saiu irritado”, o vocábulo sublinhado, a depender da interpretação, pode ser tanto um adjetivo quanto um advérbio). O capítulo traz informações pontuais e diretas sobre sua definição: “associa-se a substantivo; é variável (pode ser masculino/feminino e singular/plural)” (AMARAL *et al*, 2013, p. 243). Percebemos, assim, a presença dos critérios sintático e morfológico.

Distintivamente das outras classes, o verbo possui momentos específicos de abordagem na parte de gramática do livro de Amaral *et al*. Ele é abordado nos capítulos 3, 4 e 7, denominados “Verbo (1^a parte)”, “Verbo (2^a parte) e “Os verbos no predicado • Termos associados ao verbo”, respectivamente. Desse modo, é possível fazer uma análise mais completa dessa classe, enquanto, com as outras, não é possível fazer o mesmo.

Logo no primeiro capítulo sobre o verbo, notamos a sua definição: “palavras que, por si só, exprimem um **fato** (em geral, uma **ação**, um **estado** ou um **fenômeno**) e que podem variar sua forma para situar esse fato no tempo” (AMARAL *et al*, 2013, p. 206). Essa definição, que utiliza os critérios semântico e formal, não apresenta a mesma problemática da definição do verbo no livro anterior. Nesse caso, ao afirmar que os verbos exprimem um fato (e citar ação, estado ou fenômeno como apenas algumas possibilidades desse fato), evita contradições e não limita essa classe a apenas três significados. É interessante mencionar que Amaral *et al* (2013, p. 205) citam o verbo como “a palavra mais importante da língua porque funciona, quase sempre, como **elemento nuclear** dos fatos de comunicação. Em torno do verbo se agregam outras palavras para constituir a estrutura dos enunciados”. O engrandecimento dessa classe em detrimento das outras mostra bem por que os autores dedicaram três capítulos de seu livro a ela, enquanto as outras apareceram em outros nos quais não eram o tema principal. O capítulo 3 também aborda o verbo para além de sua definição. Nele, os autores falam sobre as conjugações, verbais, flexões do verbo, modo verbal, formas nominais, tempo verbal, vozes verbais, classificação dos verbos quanto ao papel na locução verbal e quando à flexão e também versam sobre o fato de crianças pequenas regularizarem os verbos irregulares (como quando dizem “eu fazi” ao invés de eu fiz”). Não há a utilização do critério sintático. Algo importante que o capítulo traz, que costuma ser deixado de lado nos materiais didáticos, inclusive no *Se liga na língua*: literatura, produção de texto e linguagem, é a variação linguística. Em um quadro intitulado “complemento teórico”, os autores atentam para a diferença entre o que eles chamam de “variedade padrão” e “variedade coloquial”. Esse eixo também pode ser visto em um exercício ao final do capítulo, em que o aluno reflete sobre a concordância na frase “vende-se rendas”. Salvo esse exemplo, todos os outros exercícios abordam apenas os eixos texto e gramática.

O capítulo 3 também aborda o verbo para além de sua definição. Nele, os autores falam sobre as conjugações, verbais, flexões do verbo, modo verbal, formas nominais, tempo verbal, vozes verbais, classificação dos verbos quanto ao papel na locução verbal e à flexão e também versam sobre o fato de crianças pequenas regularizarem os verbos irregulares (como quando dizem “eu fazi” ao invés de eu fiz”). Não há a utilização do critério sintático. Algo importante que o capítulo traz, que costuma ser deixado de lado nos materiais didáticos, inclusive no *Se liga na língua*: literatura, produção de texto e linguagem, é a variação linguística. Em um quadro intitulado “complemento teórico”, os autores atentam para a diferença entre o que eles chamam de “variedade padrão” e “variedade coloquial”. Esse eixo também pode ser visto em um exercício ao final do capítulo, em que o aluno reflete sobre a concordância na frase “vende-se rendas”. Salvo esse exemplo, todos os outros exercícios abordam apenas os eixos texto e gramática.

Classes de palavras nos livros didáticos: críticas e propostas

No capítulo 7, segunda parte da abordagem dos verbos no livro, o foco é a conjugação verbal. Os autores utilizam diversas tabelas para mostrar os diferentes modos e tempos verbais. Além disso, cita exemplos de verbos pertencentes a cada uma das três conjugações. As flexões verbais trabalhadas nesse capítulo são exemplificadas em frases. Dessa forma, são evidenciados os principais empregos dos tempos de cada modo. O capítulo traz uma parte sobre o aspecto verbal, explicando cada um e dando exemplos de uso. Por fim, nessa seção do livro, são trazidas tabelas para ilustrar a conjugação de verbos irregulares e incomuns. Evidencia-se que os critérios abordados são o morfológico, o sintático (embora esse último só seja utilizado nas locuções verbais) e o semântico (para expressar os diferentes sentidos a partir da flexão verbal). Nos exercícios presentes ao final do capítulo, os eixos texto e gramática representam quase todas as questões. Apenas uma delas trata do eixo da variação linguística, quando mostra como o modo imperativo funciona diferente na fala em relação à escrita.

O último capítulo que aborda a classe dos verbos é “Os verbos no predicado • Termos associados ao verbo”. Nele, os autores falaram da diferença entre verbo de ligação e verbo significativo, tipos de transitividade, tipos de predicado, termos associados ao verbo e vozes verbais. A morfossintaxe presente nessa seção evidencia a presença dos critérios formal e sintático, além de que há a utilização do critério semântico para indicar que o verbo de ligação não traz informações a respeito do sujeito e que os verbos significativos possuem um sentido próprio. Ademais, esse critério também aparece quando é explicado que o sujeito agente pratica a ação do verbo e o sujeito paciente recebe sua ação. O capítulo evidencia os eixos de gramática e texto devido aos exercícios ao seu final.

O advérbio, junto com outras classes que não estão sendo consideradas neste trabalho, é o verdadeiro protagonista do capítulo “palavras invariáveis”. Ele é definido como “uma palavra invariável que se relaciona ao verbo para indicar diferentes circunstâncias (de tempo, de modo, de intensidade, de lugar etc.) relativas ao fato verbal”. Essa definição apresenta os critérios morfológico (por mencionar que é invariável), sintático (por indicar sua relação com os verbos) e semântico (por se referir a diferentes circunstâncias que ele pode ter). O capítulo também inclui informações sobre locuções adverbiais e sobre as diferentes classificações que pode ter a depender de seu valor semântico (como afirmação, dúvida, intensidade etc.). Apesar de não aparecer no capítulo em si, na parte das atividades, um dos exercícios explica que o advérbio pode também modificar um adjetivo, outro advérbio ou mesmo todo o conteúdo do enunciado. Pode-se dizer, portanto, que o livro utiliza os três critérios para tratar do advérbio.

O livro *Novas Palavras*, de Amaral *et al*, se mostra inovador ao utilizar o eixo de variação linguística, porém isso só pode ser visto em um capítulo sobre verbo. Apesar disso, parece haver uma confusão entre norma e registro, o que pode ter sido usado como estratégia de simplificação para lidar com esse tema com estudantes de nível médio. Para além disso, o fato de o livro não trazer momentos específicos para explicar as classes substantivo e adjetivo, enquanto o advérbio aparece em uma seção de um capítulo mais abrangente. Isso mostra uma visão diferente dos autores acerca da forma com que cada classe deve ser abordada. Os momentos em que os substantivo e adjetivo foram citados reportavam-se, normalmente, às funções sintáticas. A parte de gramática do livro parece priorizar a morfossintaxe em detrimento da semântica. Dessa forma, não houve definição para o substantivo, enquanto o adjetivo foi definido de forma bem pontual, apenas para distingui-lo do advérbio. O verbo foi a classe notoriamente priorizada em detrimento das outras, abrangendo três capítulos do livro. De fato, isso se mostra compreensível em um material que dá tanta ênfase à análise sintática. Em contrapartida ao livro anteriormente analisado, o de Amaral *et al* utiliza os três eixos de ensino de Língua Portuguesa, apesar da evidente preferência em relação aos eixos de texto e gramática.

SER PROTAGONISTA

O capítulo 12 do livro *Ser Protagonista* apresenta as primeiras considerações sobre as classes de palavras no livro. Nesse capítulo, os autores discorrem sobre o objetivo das classificações e os critérios relacionados aos três níveis de descrição linguística que baseiam as divisões das classes de palavras. São eles os critérios semântico, morfológico e sintático. Além disso, os autores remontam brevemente a tradição de classificação das palavras a fim de salientar que a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB³) foi adotada para a abordagem das classes, como é habitualmente feito no ensino nacional de Língua Portuguesa. Assim, os autores principiam a análise das classes de palavras com uma espécie de prefácio explicativo, que se divide em dois capítulos, com o intuito de situar e direcionar o olhar do aluno sobre o conteúdo a ser desenvolvido posteriormente.

A partir desse momento, Barreto *et al* (2016) inauguram o tratamento das classes de palavras de maneira mais concreta e específica a partir da Unidade 5, denominada “Seres, objetos, quantidades e qualidades”. Tendo isso em vista, percebe-se que os autores optaram por uma divisão, *a priori*, pautada na concepção sintagmática das sentenças, uma vez que a Unidade versa acerca dos substantivos, artigos, numerais, adjetivos e pronomes, elementos que compõem (ou acompanham/selecionam, como no caso dos determinantes) os sintagmas nominais.

Tendo isso em vista, o capítulo 13, intitulado “Substantivos”, dispõe de oito seções: (i) O conceito de substantivo; (ii) O substantivo na perspectiva semântica; (iii) O substantivo na perspectiva morfológica; (iv) O substantivo na perspectiva sintática; (v) Classificação no interior das classes de palavras; (vi) Tipos de substantivo; (vii) Flexão dos substantivos; e (viii) Grau dos substantivos, sendo que (i) e (v) se tratam de exercícios reflexivos escorados numa abordagem multimodal. A proposta das seções (i), (ii), (iii) e (iv) se repetem nos capítulos que tratam as demais classes. Isso posto, nota-se que os autores procuram divergir das gramáticas tradicionais, uma vez que não privilegiam o critério semântico na estratégia de divisão das conceituações, mas elaboram uma seção específica para o critério morfológico e também para o sintático. O foco passa a ser, portanto, se as definições propostas são suficientes para categorização da classe.

Sob esse prisma, no que tange à perspectiva semântica, o livro salienta que, de modo geral, o critério semântico é levado em conta na descrição das palavras lexicais, uma vez que fazem referência a elementos da realidade extralingüística que podem ser reconhecidos pelos falantes. Por isso, quando se trata de nomear os seres e objetos, é fácil conceber o substantivo como uma “palavra designadora” (BARRETO *et al*, 2016, p. 168); no entanto, substantivos como “pagamento”, “brancura” ou “irritação” não possuem algo concreto que possam nomear e nem por isso deixam de fazer parte dessa classe. Desse modo, os autores definem semanticamente os substantivos como palavras que “nomeiam ou designam seres, objetos, ações, qualidades, sentimentos, lugares, instituições e conceito em geral”. Ademais, destaca-se também os diferentes tipos de substantivo que, semanticamente, podem ser concretos, abstratos, próprios, comuns e, ainda, coletivos. No entanto, os autores concluem que apenas esse critério não é suficiente para definir essa classe, pois a palavra “velocidade” pode exprimir as mesmas noções do verbo “passar” e do adjetivo “veloz”, por exemplo, mas continua sendo classificada como um substantivo. É necessário recorrer aos aspectos morfológico e sintático.

³ A Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) é uma relação de nomes adotados para os conteúdos gramaticais apresentada em 1958 por um grupo de gramáticos, a pedido do então Ministério da Educação e Cultura. A proposta foi aceita e seu uso nacional foi regulamentado a fim de conservar uma nomenclatura uniforme, sobretudo para o ensino da língua.

Classes de palavras nos livros didáticos: críticas e propostas

No que diz respeito ao critério formal ou morfológico, o substantivo é apresentado como uma classe variável, que admite flexões de gênero e de número, demonstra variação de grau por meio do acréscimo de sufixos, criando formas aumentativas e diminutivas, além de poder ser considerado como simples, composto, primitivo ou derivado. Apesar de posicionar a seção “Grau dos substantivos” de forma independente, e não como um subtítulo da seção “Flexão dos substantivos”, como fizeram com o “Número” e o “Gênero”, os autores não deixam claro a classificação de grau como “variação”, nem tampouco citam, no momento da conceituação, a função expressiva dos afixos de grau. Esse é um tópico importante porque, além das noções de “grande” e “pequeno” apontada pelos autores, é possível perceber na língua usos como “livrinhozão”, que mescla dois sufixos com sentidos teoricamente opostos para falar sobre um livro com poucas páginas, mas de grande relevância, por exemplo.

Quanto ao critério sintático, é importante ressaltar que, no livro, expõe-se o substantivo como elemento que “sempre ocupa a posição de núcleo de um sintagma nominal” (BARRETO *et al*, 2016, p. 169) e, nesse sintagma, pode se relacionar com outras palavras que desempenhem a função de determinantes e modificadores desse núcleo. Além disso, é apontado que as palavras que se relacionam com o núcleo do sintagma nominal devem concordar com ele em gênero e número, estabelecendo concordância nominal. Assim como afirmam que palavras que originalmente não são um substantivo podem assumir esse valor pelo processo de derivação imprópria, que ocorre quando um determinante é empregado junto a elas. Entretanto, embora tendo explicado o fenômeno da concordância nominal, os autores fizeram questão de pôr uma nota elucidando que, em determinadas variedades linguísticas, não há essa concordância, que pode ser explicada por um princípio de economia, visto que a marca do plural em um determinante não deixa dúvidas de que o enunciador se refere a dois ou mais elementos, apontando também que o falante não escolhe qualquer palavra aleatória para flexionar, mas apenas aquilo que é gramatical na língua materna dele. Dessa maneira, aborda as questões gramaticais de uma maneira mais reflexiva, científica e aliada à realidade do uso da língua.

Antes de encerrar o capítulo, Barreto *et al* encadeiam uma sequência de exercícios que trazem textos multimodais e questões que abordam a maneira como os aspectos semântico e morfológico contribuem para a construção de sentido dos textos, mas não o sintático. Dentre esses exercícios, há um que traz a discussão da função expressiva dos afixos de grau. Não há proposta de produção de textos dos próprios alunos, para que eles não apenas identifiquem como os substantivos atuam na produção de sentido textual, mas utilizem essas estratégias por si mesmos.

Os adjetivos, por sua vez, são abordados por meio de 8 seções, no capítulo 15, que visa à compreensão dessa classe através da relevância tanto de aspectos semânticos, quanto sintáticos, formais e pragmáticos, explorando o papel do adjetivo na produção de sentido no discurso. Para tanto, o capítulo se divide em: (i) O conceito de adjetivo; (ii) O adjetivo na perspectiva semântica; (iii) O adjetivo na perspectiva sintática; (iv) O adjetivo na perspectiva morfológica; (v) Locução adjetiva; (vi) Tipos de adjetivo; (vii) Flexão dos adjetivos; e (viii) Grau dos adjetivos.

Ao versarem acerca da perspectiva semântica de classificação dos adjetivos, os autores registram como principal função desses termos a caracterização do substantivo. Ou seja, “a noção de característica expressa por ele sempre se revela na associação com um elemento, e não como uma propriedade independente” (BARRETO *et al*, 2016, p. 191). Além disso, é salientada a possibilidade de adjetivos assumirem o valor semântico de um substantivo se precedidos por um artigo, como no caso dos adjetivos “claro” e “escuro”, que podem ser tomados como um conceito. Apesar de citar essa modificação, o livro não elucida a possibilidade de mudança de

classe explicitamente. Assim, é acentuado que o adjetivo constitui um importante recurso de apreciação valorativa da língua (positiva ou negativa) e pode ser considerada a classe que manifesta de modo mais explícito o posicionamento do enunciador.

Ademais, a seção que trata o adjetivo por meio do critério formal salienta o conteúdo lexical dessa classe, que a distingue das palavras gramaticais. Para tanto, Barreto *et al* exemplificam que na frase “os meus três antigos filmes”, o adjetivo “antigos” se destaca porque remete a uma realidade extralingüística, ou seja, “os”, “três” e “meus” são palavras gramaticais à medida que determinam, quantificam e estão associados à pessoa que fala, respectivamente. Por outro lado, o radical *antig-* remete a uma noção, um conceito: “existente há bastante tempo” (BARRETO *et al*, 2016, p. 191), tendo ainda flexão de gênero e número de acordo com o substantivo ao qual se associa. Para além disso, ainda a nível morfológico, o livro indica determinados sufixos que são típicos dessa classe e assinala que os adjetivos são classificados em primitivos ou derivados (dos quais fazem parte os pátrios), simples ou compostos e apresentam graus comparativo (superioridade, inferioridade e igualdade) e superlativo (absoluto sintético/analítico e relativo). Assim, percebe-se que os autores fazem uso de noções de sentido para elucidar os aspectos morfológicos dessa classe.

No que tange à perspectiva sintática, os adjetivos são apresentados como uma classe que desempenha função semelhante às outras classes que se associam ao núcleo de um sintagma nominal. Ou seja, são palavras que se associam a substantivos podendo modificar o núcleo do sintagma nominal ou ocupar o núcleo de um sintagma verbal. Além disso, os autores expõem o conceito de locução adjetiva, que se trata de “expressões formadas por mais de uma palavra, tendo um substantivo como núcleo” (BARRETO *et al*, 2016, p. 191), exercendo a função de caracterizar e equivalendo, assim, a adjetivos. Percebe-se, portanto, que o livro apresenta um equívoco ao tratar o substantivo como núcleo das locuções adjetivas, visto que geralmente é a preposição.

Ao final da seção, os autores apresentam exercícios que articulam os três aspectos de categorização da classe aplicados ao texto. Para tanto, apresentam gêneros textuais que naturalmente fazem uso de adjetivos, como resenhas de filmes e artigos de opinião, além de trabalhar com a maneira que os adjetivos contribuem para o sentido do texto.

Para tratar dos verbos e advérbios, os autores optaram por dispor de uma nova Unidade intitulada “Ações, estados e circunstâncias”. Desse modo, A Unidade 6 conta com os capítulos 17 e 18, respectivamente chamados “Verbos I” e “Verbos II”. A fim de abordar todos os principais aspectos de análise, o livro divide o capítulo 17 nas seguintes seções: (i) O conceito de verbo; (ii) O verbo na perspectiva morfológica; (iii) O verbo na perspectiva sintática; e (iv) O verbo na perspectiva semântica. O capítulo 18, por sua vez, é dividido do seguinte modo: (i) Formas nominais; (ii) Voz; (iii) Locução verbal e verbos auxiliares; e (iv) Empregos dos verbos auxiliares.

À vista disso, procurando dar conta da perspectiva semântica de análise dos verbos, os autores mostram que “os verbos expressam ações, estados ou fenômenos, situando esses processos no tempo em relação ao momento da enunciação” (BARRETO *et al*, 2016, p. 217). Assim, percebe-se que os autores cuidam para acentuar, ainda na definição semântica da classe, a ordenação temporal que os verbos operam (por meio dos morfemas gramaticais e verbos auxiliares) na enunciação, uma vez que palavras de outras classes gramaticais como “queda”, “(a) luta”, “bem”, “hoje”, “fiel” e “chuva” podem expressar ações, estados, processos, fenômenos da natureza e até mesmo tempo, porém se diferenciam do verbo pelas noções que suas diferentes possibilidades morfológicas podem denotar. Desse modo, o livro indica que podem ser divididos em dinâmicos, indicando “ação ou atividade, não necessariamente executadas por pessoas ou por

Classes de palavras nos livros didáticos: críticas e propostas

seres animados" (BARRETO *et al.*, 2016, p. 217), como na frase "as férias chegaram", e não dinâmicos, pois exprimem estado e a "ocorrência de um fenômeno ou de um estado que não se atribui a nenhum agente" (BARRETO *et al.*, 2016, p. 217), como em "meu humor continua bem". Ao discorrer sobre a voz, o livro elucida os sentidos e a formação do que se considera como voz ativa, voz passiva (analítica e sintética) e voz reflexiva (inclusive quando se apresenta no plural, chamada voz reflexiva recíproca). Além disso, também recorre a noções semânticas para explicar as diferentes circunstâncias aspectuais.

A análise dos verbos sob a ótica do critério morfológico destrincha, *a priori*, os três elementos estruturais que compõem o verbo: o radical (ou raiz), a vogal temática e a desinência. Desse modo, os autores apontam que o radical se junta a uma das três vogais temáticas (a, e, i), que correspondem às três conjugações verbais existentes na língua portuguesa, e às desinências verbais que, por sua vez, indicam pessoa, número, tempo e modo.

Isso posto, o livro passa a explicitar sobre as possíveis flexões, iniciando com a flexão de pessoa, que exprime a relação entre quem realiza o processo verbal e quem participa (ou não) da situação de interlocução, e prosseguindo para a flexão de número, que, por sua vez, se refere à quantidade de participantes do processo verbal. Trata também da flexão de tempo, que situa o processo verbal ao momento em que ele é enunciado, além da flexão de modo, que os autores apontam como o modo que o enunciador se posiciona quanto ao seu enunciado, podendo estar nos modos indicativo, subjuntivo ou imperativo.

Por conseguinte, o livro disponibiliza uma tabela que sintetiza essas classificações de forma mais simplificada, contendo modo, tempo, emprego (um sinônimo que usam para aspecto) e sentenças para exemplificar. Além disso, os escritores sinalizam para as formas verbais que desempenham função semelhante à dos substantivos e adjetivos, chamadas formas nominais, pois não indicam pessoas do discurso nem marcas de tempo e modo (à exceção do infinitivo pessoal). São estas formas no infinitivo, gerúndio e particípio. Ademais, o livro trata dos verbos regulares, irregulares, anômalos (denominação da NGB), defectivos e abundantes.

A compreensão dos verbos por meio de um olhar sintático se dá, no livro, através da explicação de que essa classe de palavra, em geral, ocupa a posição de núcleo do sintagma verbal. Nesse sintagma, o verbo relaciona-se com outras palavras que modificam seu significado ou acrescentam informações sobre as circunstâncias da ação ou estado expresso. Desse modo, a dependência entre os núcleos dos sintagmas nominal e verbal de um enunciado, observada nas variedades urbanas de prestígio, é chamada de concordância verbal. Nesse momento, os autores registram uma nota que busca apontar que construções tidas como "desvios de concordância", como "as menina foi embora" (BARRETO *et al.*, 2016, p. 217), são completamente gramaticais, visto que a marca de plural necessária para entendimento de que se trata de mais de uma menina está no determinante "as" e que casos como "*a menina foram embora" não aparecem no uso de falantes nativos da língua. Isso aponta, portanto, para a preocupação de Barreto *et al* em abordar, mesmo que brevemente, da variação linguística.

Ademais, o capítulo aborda sobre a combinação de dois ou mais verbos que expressam ação, estado ou processo, ligados ou não por preposição, chamada locução verbal. Com base nisso, os autores explicam que, nas locuções, o verbo que apresenta um conteúdo semântico específico é chamado de principal, enquanto o que especifica a ação, o estado, ou o processo indicado pelo verbo principal é chamado de auxiliar. Após explicitar isso, os autores apresentam uma lista sobre os diferentes empregos dos verbos auxiliares, mesclando características formais, semânticas e sintáticas. Esta lista apresenta exemplos em que os verbos auxiliares: (a) unem-se a um verbo principal para formar tempos compostos e a voz passiva, como em "havia concluído"

e “ficou controlado”; (b) exprimem com mais exatidão o desenrolar do processo no tempo, indicando aspectos verbais, como em “começaram a fazer” e “costumo acordar”; e (c) exprimem o modo como o agente encara a ação de prática, sendo auxiliares modais, como em “parecia gostar” e “querem fazer”.

Nota-se, então, que os autores não só abordam os diferentes empregos dos verbos auxiliares, mas também acrescentam observações de variação. Isso acontece, pois é registrado que construções com uma locução verbal no futuro + um verbo principal no gerúndio, como “vou estar fazendo” e “vamos estar discutindo”, são legítimas da língua portuguesa e indicam o aspecto durativo de uma ação localizada no futuro. Apesar de fazer essa observação, os autores assinalam que há um problema no uso excessivo dessas expressões e no emprego inadequado em situações que exigem pontualidade, sugerindo, assim, que haja avaliação do contexto em que serão inseridos e dos sentidos que se pretende expressar.

Após versar sobre os verbos, Barreto *et al* (2016) abordam, no capítulo 19, a categorização dos advérbios. Para tanto, conta com 10 seções intituladas de (i) O conceito de advérbio; (ii) O advérbio na perspectiva morfológica; (iii) O advérbio na perspectiva sintática; (iv) O advérbio na perspectiva semântica; (v) Locução adverbial; (vi) Tipos de advérbio; (vii) Os advérbios interrogativos; (viii) Os advérbios terminados em *-mente*; (ix) Grau dos advérbios; e (x) Parece advérbio, mas não é. Desse modo, percebe-se que cinco entre as dez seções ressaltam aspectos semânticos dessa classe, pois, fazendo uso da NGB, os autores buscam explicitar os tipos de circunstâncias e ideias expressas pelos advérbios e pelas locuções adverbiais. Apesar disso, é possível observar uma tentativa de fuga da tradição gramatical e acolhimento da proposta científica de definição, que consiste no uso dos três critérios de classificação, dado que os aspectos morfológico e sintático contam com uma seção reservada para si.

A fim de esclarecer, em termos iniciais, a respeito dos advérbios, os autores apontam que são normalmente identificados como modificadores do verbo, além de revelar o ponto de vista dos autores sobre o assunto que afirmam e o estado em relação ao assunto tratado. Podem também intensificar ou atenuar o sentido de um adjetivo ou de outro advérbio, mas o livro não apresenta exemplos

Assim, o advérbio, na perspectiva semântica, está, segundo os autores, diretamente relacionado ao papel sintático que desempenham nas orações, ou seja, ao elemento do enunciado a que se referem. Portanto, associados aos verbos, os advérbios caracterizam as circunstâncias da ação ou do estado por eles expressos; quando associados a adjetivos e advérbios, intensificam ou atenuam seu sentido e, quando se referem a todo o enunciado, são modalizadores. Tendo isso em vista, são trazidos os diferentes tipos de advérbio: de lugar, tempo, modo, negação, dúvida, intensidade e afirmação. Nesse mesmo momento, os autores optaram por acentuar que os advérbios interrogativos também podem ser de tempo, lugar, causa ou modo, além dos terminados em *-mente*, que, diferente do pensamento comum, podem exprimir tempo, intensidade, dúvida e afirmação e não apenas modo. Ao desenvolver uma reflexão sobre as possíveis noções dos chamados pela NGB de “advérbios interrogativos”, os autores registram uma observação afirmando que é comum utilizar “onde” e “aonde” com o mesmo significado, mas nas variedades urbanas de prestígio, esses termos apresentam sentidos diferentes. Apesar dessa declaração, é possível perceber que grande parte dos falantes com nível superior de escolarização transitam entre as duas formas.

Sob a perspectiva formal, o livro aponta que uma das principais características dos advérbios é que eles não sofrem flexão, são invariáveis. Mas, no que tange à estrutura, existem duas possibilidades: advérbios formados apenas por um morfema gramatical, ou seja, por um morfema que só tem significado no interior do discurso (“depois”, “aliás”, “ontem” e “hoje”, por

Classes de palavras nos livros didáticos: críticas e propostas

exemplo), e advérbios formados por um morfema lexical – que remete à realidade extralinguística – acrescido de um ou mais morfemas gramaticais, como “complet-a-mente”, em que o primeiro morfema é lexical e os dois seguintes, gramaticais. É interessante a proposta de abordar características morfológicas para além da canônica invariabilidade, no entanto, essa distinção não se mostra proveitosa, visto que, se existem as duas possibilidades de formação para os advérbios, não há utilidade nessa informação para diferenciá-lo das outras classes, que se dividem entre os morfemas lexicais (substantivo, adjetivo e verbo), e gramaticais (artigos, pronomes, numerais, preposições, conjunções e elementos mórficos que indicam número, tempo, modo, pessoa e aspecto verbal). Assim, tal classificação gera uma confusão, pois os advérbios em *-mente* seriam colocados no grupo que contém morfemas lexicais e os demais, no de morfemas gramaticais.

Além disso, os autores discorrem a respeito do grau dos advérbios separando-os em grau comparativo (superioridade, igualdade e inferioridade) e grau superlativo (absoluto sintético e absoluto analítico). Ao tratar desse tema, os autores não mencionam que a estratégia de repetição ou acréscimo de afixos de grau podem ter certa equivalência com o superlativo absoluto analítico, como nos casos em que “cheguei *tardão* da festa” está relacionado a “muito tarde” ou “eu moro perto, perto” expressa “muito perto”.

Por fim, através do critério de análise sintático, o livro trata o advérbio a partir de sua função de caracterizar o processo verbal a que se refere, ou seja, modificar o verbo de uma oração. No entanto, salienta que essa definição não é a mais apropriada, uma vez que os advérbios podem se associar também a um adjetivo, a outro advérbio ou até a um enunciado inteiro.

Os autores ocuparam-se também de expor os possíveis casos de adjetivos que funcionam nas orações como advérbios, pois modificam o verbo e tornam-se invariáveis. No entanto, não apontam diretamente a alteração de classe por derivação imprópria ou conversão nesse caso. Além disso, apresentam o conceito de locução adverbial, que corresponde à associação de uma preposição com um substantivo, adjetivo ou advérbio. Para encerrar a conceituação dos advérbios, os idealizadores do livro acharam relevante tratar de certas palavras e locuções que não pertencem a nenhuma das dez classes descritas pela NGB, mas que são frequentemente confundidas com os advérbios pela sua invariabilidade. A NGB classifica-as como *denotadores* ou *palavras denotativas*, porém elas atuam como operadores argumentativos e elementos coesivos.

PORtuguês: CONTEXTO, INTERLOCUÇÃO E SENTIDO

A abordagem das classes de palavras no livro *Português: contexto, interlocução e sentido*, de Maria Luiza M. Abaurre, Maria Bernadete M. Abaurre e Marcela Pontara, dá-se na Unidade 4, intitulada “Classes de Palavras”. O capítulo 12, primeiro da unidade, se chama “Relações Morfossintáticas” e explica concepções básicas sobre a relação entre forma e função. Além disso, já apresenta as classes de palavras variáveis, as invariáveis e as relações sintáticas básicas que ocorrem entre elas. Depois deste breve capítulo introdutório, as autoras iniciam o tratamento das classes separadamente.

O capítulo 13, que trata dos substantivos, é dividido em duas grandes partes: (i) Definição e classificação e (ii) As flexões do substantivo. Ainda no princípio do capítulo, as autoras afirmam, após a reflexão de um exercício, que a função que define a classe dos substantivos é a nomeação. Tendo isso em vista, define semanticamente essa classe como palavras que “designam os seres em geral, reais ou imaginários” (ABAURRE, M. L.; ABAURRE, M. B.; PONTARA;

2016, p. 166). Dentro da perspectiva semântica, o livro registra que os substantivos são classificados em relação “àquilo que fazem referência no mundo exterior (objetivo) e no mundo interior (subjetivo)” (ABAURRE, M. L.; ABAURRE, M. B.; PONTARA; 2016, p. 167), dividindo-os em comuns ou próprios, concretos ou abstratos e, ainda, coletivos. As definições dessas classificações mostram-se satisfatórias e textos multimodais são utilizados para basear todas as definições semânticas.

Quanto ao critério morfológico de análise, as autoras acham propício dividir os substantivos em simples ou compostos e primitivos ou derivados. Para tanto, não fazem uso de nenhum apoio textual e apresentam alguns exemplos um pouco ultrapassados, como o uso de “flor-de-lis” e “ervilha-de-cheiro” para exemplificar os substantivos compostos. Além disso, apontam que essa classe admite flexão de gênero e número e variação de grau. Há uma seção intitulada “As flexões do substantivo” que esmiúça aspectos do gênero gramatical, que não tem correlação absoluta com o sexo, concepções de número (e a forma como o plural se forma) e a variação de grau. O livro registra as maneiras canônicas da variação de grau, denotando diminuição ou aumento, mas apresenta, por meio de uma nota, a função expressiva dos afixos de grau.

Ao tratar da perspectiva sintática de análise, nota-se que as autoras buscam dispor de uma análise científica um tanto quanto detalhada, visto que não apenas expõem que os adjetivos podem ser precedidos por artigos ou pronomes adjetivos, formando um sintagma nominal, e podendo ser seguidos por adjetivos, mas também elucidam por meio de um pequeno quadro ilustrativo o conceito de sintagma. Ademais, apontam que “Do ponto de vista funcional (...) os substantivos se caracterizam por atuarem, nas orações da língua, como núcleos dos sintagmas nominais” (ABAURRE, M. L.; ABAURRE, M. B.; PONTARA; 2016, p. 167). Assim, podem funcionar como sujeitos, objetos indiretos, objetos diretos, predicativos do sujeito, predicativos do objeto, complementos nominais, adjuntos adnominais, adjuntos adverbiais, agentes da passiva, apostos e vocativos. Nota-se, portanto, que, embora o capítulo aborde o critério funcional de maneira mais breve do que os demais, alegando que será explorado de maneira mais adequada na parte de Sintaxe, ele menciona todas as funções sintáticas possíveis para o substantivo, o que o livro *Ser Protagonista: língua portuguesa* não apresenta.

Assim, observa-se que o livro prioriza, em sua divisão máxima, os critérios semântico e morfológico de análise, porém aborda, ainda que pontualmente, o critério funcional de maneira satisfatória. Embora bem discriminados, em alguns momentos, a organização das seções pressupõe uma aparente mistura dos critérios. Além disso, as autoras propõem exercícios que ajudam os leitores a articular os conceitos e concepções apreendidos no capítulo ao texto e a identificar como implicam nas produções de sentido.

Em seguida, no capítulo 14, as autoras tratam da classe dos adjetivos. A divisão feita, semelhante a anterior, consiste em: (i) Definição e classificação e (ii) As flexões do adjetivo. Dessa maneira, em um primeiro momento, a definição apresentada para os adjetivos é

palavras variáveis que especificam o substantivo, caracterizando-o. Essa especificação pode referir-se a uma qualidade (profissional honesto), a um estado (carro amassado), a um aspecto ou aparência (mar azul), a um modo de ser particular (criança mimada). (ABAURRE, M. L.; ABAURRE, M. B.; PONTARA; 2016, p. 175)

Além dessas noções de sentido, é possível observar que os adjetivos de relação são analisados, ou seja, aqueles que, além de caracterizarem os referentes dos substantivos, estabelecem com eles “relações de tempo, de espaço, de finalidade, de procedência, etc.” (ABAURRE, M. L.; ABAURRE, M. B.; PONTARA; 2016, p. 175). São mencionados também,

Classes de palavras nos livros didáticos: críticas e propostas

em meio à definição de caráter formal, os adjetivos pátrios, que se referem a continentes, países, regiões etc.

Em relação ao critério morfológico, o livro apresenta as possibilidades de adjetivos como primitivos ou derivados, simples ou compostos. A seção “As flexões do adjetivo” trata das relações morfossintáticas, que exigem que os adjetivos concordem em gênero e número com os substantivos que modificam, da flexão de gênero e da flexão de número, separadamente. Depois, traz uma subseção que trata da flexão de grau dos adjetivos, nesses termos. Segundo as autoras, “a variação de grau manifesta-se morfologicamente pela flexão (as chamadas formas sintéticas) ou, sintaticamente, pelo uso de outras palavras, em estruturas comparativas ou superlativas (as chamadas formas analíticas)” ABAURRE, M. L.; ABAURRE, M. B.; PONTARA; 2016, p. 180). Em vista disso, as autoras discorrem do grau superlativo relativo e absoluto. Neste momento, consta no livro uma nota que visa a abarcar formas usadas na fala e aponta que, na linguagem coloquial, o uso expressivo dos superlativos *-ésimo* e *-érrimo* é cada vez mais frequente, o que abarca usos que estão além dos descritos nos compêndios gramaticais. Não aponta função indexical.

A classificação funcional dos adjetivos é, assim como a anterior, novamente discreta. As autoras mencionam que, pela ótica sintática, adjetivos podem funcionar nas orações como adjunto adnominal, predicativo do sujeito e predicativo do objeto. Além disso, apresentam as locuções adjetivas, que são definidas geralmente como um conjunto de preposição + substantivo ou preposição + advérbio. Para discutir, as autoras apostam num texto curto e propõem a reflexão das locuções adjetivas a partir da maneira que contribuem para o efeito de humor do texto.

Diante disso, percebe-se que, no tratamento dos adjetivos, há novamente um desenvolvimento maior dos critérios formal e semântico, ainda que se mencionem os aspectos funcionais. O capítulo conta com textos multimodais que buscam articular o entendimento da classe com a progressão e compreensão plena do texto.

Ao versar sobre os verbos, em vista do grande conteúdo, as autoras optaram por dividir em dois capítulos, 18 e 19. Assim, os capítulos contam com as grandes seções: (i) Definição e estrutura; (ii) Os paradigmas das conjugações verbais; (iii) Paradigmas verbais especiais; e (iv) Estruturas verbais perifrásicas. Assim, o livro inicia a abordagem do verbo definindo-o, do ponto de vista semântico, como uma palavra associada à identificação de acontecimentos e estados, conferindo ao enunciado um caráter dinâmico, uma vez que permite localizar, no tempo, fatos, ações e situações. Além disso, o livro faz uso de noções de sentido para explicitar as diferentes vozes verbais (ativa, passiva, passiva analítica, passiva pronominal e reflexiva) e de aspecto (durativo, incoativo, permansivo e conclusivo). Entre as conceituações, estão presentes textos curtos para refletir sobre cada uma.

Para tratar dos aspectos morfológicos, o livro dispõe de explicitações dos níveis mais minuciosos aos mais gerais. Desse modo, apresenta a divisão entre radical, vogal temática, desinências modo-temporais e desinências número-temporais, as diferentes conjugações verbais e as flexões de número, pessoa, modo e tempo. O livro conta com a definição específica de cada tempo verbal e, dentre elas, constam notas intituladas “De olho na fala”, que trazem os usos dos falantes em face da definição teórica proposta. Além disso, pode-se observar a discussão sobre as formas nominais dos verbos, o comportamento dos verbos mediante ao paradigma das conjugações verbais (verbos regulares, irregulares, anômalos, defectivos, abundantes) e a distinção entre tempos primitivos e derivados. Constatata-se que a abordagem morfológica da classe dos

Alice Maia CASIMIRO da SILVA & Gabriele GONÇALVES da SILVA

verbos é amplamente explorada não apenas por meio de definições, mas com riquezas de exemplos.

No que tange à perspectiva sintática de análise, as autoras afirmam que o verbo é a palavra que ocupa o núcleo de um dos termos essenciais da oração, o predicado. Dessa maneira, exerce a função de núcleo de um predicado verbal e de um predicado verbo-nominal, sendo que no segundo caso, o verbo é de ligação e desempenha a função de um elemento copulativo entre o predicado e o sujeito a que ele se refere. Observa-se, portanto, que as autoras utilizam definições tradicionais como “termos essenciais” e, ao mesmo tempo, contribuições linguísticas como “elemento copulativo”. Ademais, nota-se que as definições de verbos auxiliares e discussões de gerundismos se mostram completas, enquanto que as das locuções verbais apresentam apenas exemplos, com poucas definições.

Sob esse prisma, pode-se dizer que as autoras utilizam os três critérios de classificação das classes e os três eixos do ensino de LP, uma vez que dispõe de textos articulados com as conceituações, notas de variação linguística espalhadas por todo o capítulo e a abordagem reflexiva da gramática, usando contribuições das pesquisas linguísticas.

Por fim, o tratamento dos advérbios do capítulo 20 conta com apenas uma grande seção, intitulada “Definição e classificação”. Assim como todas as seções anteriores, esta se inicia com uma proposta textual que busca impulsionar uma discussão acerca do uso da classe para a compreensão do texto. Tendo isso em vista, a definição trazida pelas autoras é que os advérbios “são palavras invariáveis que se associam aos verbos, indicando as circunstâncias da ação verbal e, em alguns casos, se associando aos adjetivos para especificar as qualidades por eles expressas e a outros advérbios para intensificar seu sentido” (ABAURRE, M. L.; ABAURRE, M. B.; PONTARA; 2016, p. 253). A perspectiva semântica aparece no momento em que as autoras dissertam sobre as diferentes circunstâncias que os advérbios podem exprimir e no momento de elucidação sobre os advérbios interrogativos. Já o aspecto morfológico é praticamente extinto, pois sabe-se apenas que não apresenta flexões e varia em graus comparativos e superlativos. Por fim, no que se refere ao critério sintático de análise, as autoras observam que os advérbios desempenham a função sintática de adjuntos adverbiais nas orações da língua e apresentam as possibilidades de combinações para formação do que se conhece como “locução adverbial”.

Dessa maneira, entende-se que o livro fez uso dos três critérios de definição das classes, procurou ter apoio nas contribuições das pesquisas linguísticas e abordou os três eixos de ensino de LP. Apesar de haver alguns problemas pontuais, é preciso encarar o material como um todo e, com isso, conclui-se que é apropriado para uso em sala de aula.

SÍNTESE

Considerando as diferenças observadas em cada livro, foi possível montar uma tabela sintetizando os aspectos mais importantes de cada análise feita. Como pode ser visto, metade deles satisfizeram as exigências (utilizar os três critérios e os três eixos), enquanto a outra metade cumpriu apenas uma. É interessante notar que apenas um dos livros apresentou definições puramente baseadas na tradição gramatical, enquanto todos os outros contiveram apporte teórico da linguística em algum momento da abordagem das classes de palavras. Essas observações podem ser notadas na tabela abaixo:

Classes de palavras nos livros didáticos: críticas e propostas

| | Usa os três critérios para as quatro classes | Usa os três eixos de ensino de Língua Portuguesa | Definição puramente baseada nas GTs | Aporte teórico nos estudos linguísticos ⁴ |
|--|--|--|-------------------------------------|--|
| <i>Se liga na língua:</i> literatura, produção de texto, linguagem | ✓ | X | X | ✓ |
| <i>Novas palavras</i> | X | ✓ | ✓ | X |
| <i>Ser protagonista:</i> língua portuguesa | ✓ | ✓ | X | ✓ |
| <i>Português:</i> contexto, interlocução e sentido | ✓ | ✓ | X | ✓ |

Quadro 2: análise dos livros didáticos

A partir do quadro acima, nota-se que os materiais didáticos analisados variam em relação à presença de pontos positivos e negativos. Dessa forma, foi possível propor uma atividade que pudesse mostrar que é possível superar essas questões.

PROPOSTA DE ATIVIDADE

Como produto da análise feita, foi aplicada uma atividade na turma MAM 231, curso de Meio Ambiente, composta por alunos do 3º período (2º ano) do Ensino Médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), Campus Rio de Janeiro, com a supervisão e orientação do professor Vítor de Moura Vivas. Dividida em quatro momentos, a atividade desenvolveu a compreensão das quatro classes de palavras tratadas na pesquisa por meio dos três critérios de classificação de Pinilla (2007) e dos três eixos de Vieira (2017). O intuito da atividade foi pôr em prática as propostas de abordagem das classes de palavras em sala de aula e testar sua efetividade.

A atividade foi elaborada a partir da análise dos materiais didáticos e foi pensada especificamente para a turma, mas como apenas um exemplo de como se pode trabalhar essa questão com os alunos. A proposta foi planejada de forma a não seguir o formato de uma aula tradicional, em que o profissional docente leciona na frente da turma enquanto os alunos sentam em fileiras e aguardam a autorização do professor para se manifestar. De forma diferente, os estudantes foram convidados a sentar em círculo junto às aplicadoras da atividade, propiciando um ambiente em que todos se sentissem bem-vindos a contribuir para a discussão, sem distinção hierárquica de saberes.

⁴ Os usos tanto dos três critérios quanto dos três eixos configuram aporte teórico nos estudos linguísticos, portanto isso não está sendo considerado. Um exemplo de aporte teórico na linguística que está sendo considerado é a utilização do termo sintagma.

Como forma de aproximar o conteúdo às vivências dos estudantes adolescentes, as discussões foram geradas a partir de letras de músicas de funks, com as quais todos se mostraram familiarizados, que foram os textos escolhidos para serem a base da atividade. O tempo de duração do evento foi dividido nas seguintes partes: (a) introdução; (b) reflexões sobre o texto; (c) variação linguística; (d) gramática. É importante mencionar que, embora os eixos pareçam estar separados no planejamento da atividade, isso não significa que apenas se fizeram presentes em um momento designado, pois a separação da atividade em quatro momentos serviu somente para delimitar o foco das reflexões feitas por tempo. Tanto a competência textual quanto a variação linguística são eixos perpassados pelo da gramática, conforme afirma VIEIRA (2017).

(a) Primeiro momento (introdução):

Essa primeira etapa se iniciou com a apresentação das pesquisadoras responsáveis e do projeto. Foi checado se os alunos possuíam familiaridade e/ou se gostavam do estilo musical funk. Conforme foi observado nas respostas, o gênero se mostrou bastante popular entre os integrantes da turma. As músicas escolhidas foram “Malandramente”, de autoria de Dennis e dos MCs Nandinho e Nego Bam, e “Automaticamente”, de MC Leléto e MC Maromba. Todos os alunos afirmaram conhecer ambas as canções. O primeiro momento da atividade se encerrou com a turma ouvindo as músicas. Alguns alunos cantaram e dançaram em suas carteiras, demonstrando estar confortáveis e abertos à proposta.

(b) Segundo momento (reflexões sobre o texto):

Encerrada a parte mais passiva da atividade, chegou o momento de iniciar as discussões a partir de um debate crítico sobre os textos escolhidos. Além da interpretação dos textos, ou seja, as letras das músicas, diversos pontos foram discutidos, incluindo os seguintes: a forma como as mulheres são nomeadas nas músicas e se há julgamento de valor positivo ou negativo em relação a elas, que termos são modificados pelos advérbios e o que eles significam, com qual intenção são atribuídos adjetivos às mulheres e quais são esses adjetivos, o impacto da mudança de classe para o sentido do texto, a conotação violenta que o sufixo –ada, de “madeirada”, traz ao ato sexual na música “Malandramente”, entre outras coisas que puderam ser observadas no texto. Assim, questões sociais presentes na sociedade e envolvidas nas letras, como o machismo, puderam ser abordadas, bem como a tipologia do texto, uma vez que os textos são prioritariamente narrativos e os alunos identificaram a frequência desse tipo textual nos funks. A participação profunda dos alunos nesse momento foi essencial, uma vez que os desdobramentos da interpretação dos textos foram protagonizados por eles e as interferências visaram a apenas guiar a discussão. É perceptível que, mesmo sendo um momento em que o foco era a análise textual, a morfologia e a semântica (classe de palavra, sufixo, significado) se fizeram presentes, assim como houve um diálogo com outras áreas de conhecimento (como a sociologia e a história ao se discutir o machismo, por exemplo).

(c) Terceiro momento (variação linguística):

Nesse momento, foi feita uma análise linguística focada nas variações presentes nos textos, mas sem perder de vista o eixo da gramática, pois foi preciso refletir sobre formas padrão e não-padrão, por exemplo. Desse modo, foi relevado o conhecimento prévio que os alunos possuem enquanto falantes nativos da Língua Portuguesa. Os estudantes receberam folhas com a letra das músicas para que pudessem acompanhar e, nelas, os termos “nós se vê”, “meteu o pé”, “recadinho”, “embrasar” e “bonde” estavam destacadas em negrito. Assim, eles observaram esses termos e refletiram sobre algumas questões. Com base em seus próprios conhecimentos e vivências, os alunos indicaram o grupo de falantes que usa essas expressões, que fazem esse tipo de concordância, se existe algum estigma associado a essas construções, quais são as outras possibilidades de expressá-las (diferentes variedades, como o uso de “grupo” ao invés de

Classes de palavras nos livros didáticos: críticas e propostas

“bonde” e “a gente se vê” ou “nós nos vemos” no lugar de “nós se vê”), além de refletir brevemente sobre a função expressiva e a lexicalização semântica, propostas por Gonçalves (2007). Dessa forma, eles observaram que a variação do termo “recado” para o diminutivo talvez não expresse necessariamente uma redução de tamanho, mas um valor expressivo, e que também é possível que a soma de um radical a determinados afixos altere totalmente o sentido do vocábulo. Isso ocorre, por exemplo, com a variação de grau do substantivo “calça”, que, passando para o diminutivo (“calcinha”), passa a denotar uma peça de vestimenta íntima feminina e não uma calça de tamanho reduzido. Também foi discutido o fato de que a variação do grau não estabelece concordância, além de as acepções de formal, informal, culto e in culto terem sido trabalhadas.

(d) Quarto momento (gramática):

Esse último momento foi reservado para retomar, sistematizar e problematizar as definições gramaticais das 4 classes de palavras que trabalhamos, com base na GT do Rocha Lima (1964). Desse modo, após refletir nos momentos anteriores sobre vários exemplos dessas classes no texto, foi possível analisar como cada uma se articula a nível semântico, formal e sintático. A folha distribuída, além de dispor das letras das músicas, dispôs das definições de substantivo, adjetivo, verbo e advérbio da Gramática normativa da língua portuguesa, de Rocha Lima (1964). Dessa maneira, os alunos leram as definições em voz alta e houve uma discussão com eles, na qual foram pedidos para identificar se eram definições completas ou incompletas e se privilegiavam um dos critérios de análise. Os alunos participaram dizendo que algumas definições estavam melhores do que outras, mas que, no geral, eram satisfatórias, necessitando de apenas alguns ajustes. Apontaram também que o conceito de sintagma, visto em suas aulas de Português, não aparece nas definições, o que foi elucidado pelas contribuições da Linguística mais tarde. Assim, as quatro classes puderam ser categorizadas por meio dos três critérios (semântico, morfológico e sintático) de definição com a participação dos alunos.

RESULTADO

Ao longo da atividade, os alunos da turma MAM 231 refletiram sobre as classes substantivo, adjetivo, verbo e advérbio a partir dos critérios semântico, formal e sintático em uma aula que relevou os eixos gramatical, textual e de variação linguística. Para tanto, foram escolhidos, de forma estratégica, textos que propiciavam uma interpretação textual baseada na análise gramatical e, ao mesmo tempo, em uma reflexão crítica a respeito das diferentes variedades do Português. Em oposição a uma prática docente ultrapassada e conteudista, que se apresenta como base do ensino tradicional adotado pela maioria das escolas brasileiras, a atividade seguiu a premissa de que a educação se dá a partir da contribuição de todos, sem hierarquia de saberes.

Em sua obra *Pedagogia da autonomia*: saberes necessários à prática educativa, Paulo Freire, também conhecido como o patrono da educação brasileira, evidencia que ensinar não é meramente transferir conhecimento, mas sim uma especificidade humana. Não sendo, pois, uma mera transferência de conteúdo de um ser supostamente iluminado (representado pela figura do professor, do mestre) a outros supostamente sem conhecimento (etimologicamente, a palavra aluno remete a alguém “sem luz”. “A” = ausência/sem; “luno” deriva de “lumni”, que significa luz em latim), o ato de ensinar exige respeito aos saberes dos educandos. Segundo o autor, todos os alunos trazem consigo uma bagagem de conhecimentos adquiridos através de suas próprias vivências e convivências. A prática pedagógica não deve, assim, ignorar esse fato.

Quando se trata do ensino de gramática, se torna mais do que necessário que os estudantes sejam vistos como falantes nativos de Língua Portuguesa e, portanto, possuidores de um vernáculo que deve ser respeitado. Além disso, é importante considerá-los como perfeitamente capazes de refletir sobre o uso de sua própria língua, dada sua participação na sociedade brasileira, rica em diversidade. Com isso em vista, Basso e Pires de Oliveira (2012) trazem à luz o fato de que o ensino de língua materna se debruça, na verdade, no ensino de uma língua escrita que, por ser artificial, necessita de classificações completas para melhor assimilação. Ademais, os autores atentam para a importância de o ensino de Português estimar as contribuições científicas da linguística, assim como de se valorizarem os saberes prévios dos alunos enquanto falantes nativos da língua.

O engajamento dos alunos na atividade demonstrou que o ensino científico, coletivo e mais próximo de suas realidades pode ser mais eficiente que o ensino tradicional. Não apenas a partir da utilização de músicas conhecidas e dados reais de uso da língua, mas também a discussão acerca de questões sociais, como o machismo e o preconceito linguístico, deixaram a atividade mais interessante e convidativa. A organização das carteiras em círculo, que todos que participantes seguiram, fossem alunos ou não, ressaltou que o espaço da aula era de troca de saberes e não uma mera transferência aluno-professor. Dessa forma, o formato da atividade se mostrou mais semelhante a um círculo de conversa/debate do que uma aula como é tradicionalmente conhecida, com o professor na frente falando e os alunos enfileirados em carteiras. Não era necessário erguer o braço para falar, pois todos possuíam contribuições a fazer de forma a manter a atividade ativa. As únicas interferências feitas pelas aplicadoras visavam a apenas guiar a discussão, mas o protagonismo do aprendizado era mesmo dos estudantes.

Resumidamente, a atividade sobre classes de palavras aplicada na turma MAM 231, do IFRJ (Maracanã), mostrou ser possível um ensino que não só valorize a ciência e os saberes dos educandos, mas que utilize os três critérios para descrição das classes de palavras (PINILLA, 2007) e os três eixos de ensino de Língua Portuguesa (VIEIRA, 2017). Como forma de ilustrar isso, a tabelas abaixo demonstram alguns exemplos utilizados na atividade:

| Uso do eixo gramática | Uso do eixo de texto | Uso do eixo de variação |
|---|---|--|
| Reflexão sobre as descrições das classes de Rocha Lima (1964), propondo uma abordagem mais científica em conjunto; tipos de concordância; sufixos; relações sintáticas; variação de grau. | Observação de como os substantivos servem para nomear o corpo feminino nas músicas; implicações semânticas da mudança de classe para a construção do texto; reconhecimento da frequência do tipo textual narrativo nos funks. | Concordâncias padrão e não padrão; preconceito linguístico; tipos de variação; contextos de uso. |

Quadro 3: uso dos três eixos de ensino

| Uso do critério semântico | Uso do critério morfológico | Uso do critério sintático |
|--|--|--|
| Sentido carregado pelos sufixos; significado dos verbos; sinônimos; lexicalização semântica; função expressiva, definição semântica das classes. | Sufixos; flexão verbal; inflexão dos advérbios; definição formal das classes; variação e concordância do grau. | Concordância; relação dos advérbios com outros termos no texto; definição sintática das classes. |

Quadro 4: uso dos três critérios para as classes de palavras

Classes de palavras nos livros didáticos: críticas e propostas

Pode-se observar, então, que foram cumpridas as exigências para uma nova proposta de abordagem das classes de palavras, em que é possível se basear para a confecção dos futuros livros didáticos de Língua Portuguesa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo mostra-se relevante por sua análise crítica de livros didáticos de Língua Portuguesa e sua proposta de atividade, abrangendo os três critérios para a abordagem de classes de palavras (PINILLA, 2007) e os três eixos de ensino de português propostos por Vieira (2017). Dessa forma, valendo-se do uso do pensamento crítico e de contribuições científicas, colabora para um ensino mais eficiente e para a valorização da ciência dentro da sala de aula.

Ao tratar de morfologia e ensino, a presente pesquisa diagnostica problemas na abordagem de quatro importantes classes de palavras (a saber, substantivo, adjetivo, verbo e advérbio) em quatro livros didáticos e propõe uma atividade pedagógica capaz de sanar tais problemas. Com isso, é possível não apenas auxiliar na confecção de novos livros didáticos que superem os atuais em conteúdo, como também no planejamento de atividades a serem feitas em sala de aula para que o profissional docente não se sinta limitado ao uso apenas do livro didático. É importante mencionar a possibilidade deste trabalho se estender às 10 classes de palavras e a mais livros didáticos, com uma maior variedade de anos escolares.

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, M. L. M.; ABAURRE, M. B. M.; PONTARA, M. *Português: contexto, interlocução e sentido*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2016, 351 p.
- ABAURRE, M. L. M.; ABAURRE, M. B. M.; PONTARA, M. *Português: contexto, interlocução e sentido*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2016, 351 p.
- AMARAL, E. et al. *Novas palavras*. 2. ed. São Paulo: FTD, 2013, 512 p.
- BARRETO, R. G. et al. *Ser protagonista: língua portuguesa*. 3 ed. São Paulo: Edições S, 2016, 447 p.
- BASILIO, M. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- BASSO, R. M.; PIRES DE OLIVEIRA, R. P. *Feynman, a Linguística e a curiosidade, revisitado*. Matraga, Rio de Janeiro, v.19 n.30, 2012.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *PCN+ Ensino médio: orientações educacionais complementares aos parâmetros curriculares nacionais: línguagem, códigos e suas tecnologias*. Brasília: MEC/SEF, 2000.
- CÂMARA JR., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.
- CUNHA, C. F. da; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GONÇALVES, C. A. V. Flexão e derivação: o grau. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. (orgs) *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2007, p. 148-168.
- ORMUNDO, W.; SINISCALCHI, C. *Se liga na língua: literatura, produção de texto, línguagem*. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2016, 431 p.

Alice Maia CASIMIRO da SILVA & Gabriele GONÇALVES da SILVA

PINILLA, M. A. Classes de palavras. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. (orgs.) *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2007, p. 169-183.

ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 42^a ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

VIEIRA, S. R. (org.) *Gramática, variação e ensino: diagnose & propostas pedagógicas*. Rio de Janeiro: Letras UFRJ, 2017, 202p.

WORD CLASSES IN SCHOOL TEXTBOOKS: CRITICS AND PROPOSITIONS

Abstract: This article intends to address the approach of word classes in school textbooks from a qualitative data analysis. Furthermore, it aims to propose a new way of dealing with them in the teaching of Brazilian Portuguese as a first language based on the scientific contributions of linguistics and the students' experiences with their native language.

Keywords: Morphology; Teaching; Word classes.